

2019

06.6 –
18.7

O COMEÇO DE
UMA COISA MAIOR –
E DE UM DILEMA

GALERIA SUPERFÍCIE

GUGA SZABZON



GUGA SZABZON — O COMEÇO DE UMA COISA MAIOR — E DE UM DILEMA

06.6 — 18.7 2019

O COMEÇO DE UMA COISA MAIOR — E DE UM DILEMA

GALCIANI NEVES

NOTAS

1
Trechos da música “Fala”, última faixa da disco Secos & Molhados, da banda Secos & Molhados, lançado em 1973. A letra foi composta por João Ricardo e Luhli e interpretada por Ney Matogrosso.

2
Trecho de anotações do caderno da artista Guga Szabzon.

“EU NÃO SEI DIZER/ NADA POR DIZER
ENTÃO EU ESCUTO
SE VOCÊ DISSER/ TUDO O QUE QUISER
ENTÃO EU ESCUTO”¹

COSTURAR, MOVER-SE: COMO CONTATO, RASTRO

As definições de movimento suscitam muitos impasses: a simples fluidez de um processo, as marcas que os acontecimentos e os sujeitos neles implicados deixam, o encadeamento de gestos e como eles atravessam o corpo. Tentações teorizantes à parte, talvez perceber o mover-se das coisas seja admitir que se trata de um ritmo imprevisível e injustificável, no qual é preciso querer perder-se, sem esforçar-se em delimitar um fio de lógica e coerência no movimento – ir e deixar ir.

Incentivada por essa percepção, Guga Szabzon costura, move-se na pele do tecido. Constrói uma linha que desemboca em outras e na falta de rumo, contiguamente. Isto é, a linha ocorre modificando-se e deixando rastros nada óbvios. A artista demarca relações, muda as cores também. E vai saltando de um tecido a outro que são seus territórios. Sua linha é rio sem destino.

Assim, mover-se como procedimento é como a artista distancia a linha de uma mera noção de limite ou contorno, égide sobre a qual o desenho obriga a linha a sobreviver. A linha de Guga é brincante, fugidia e, por isso mesmo, aventureira. Sua linha não se cansa de vagar e correr riscos. Ela pode findar-se, separar-se, bifurcar-se e até mesmo abandonar a ideia de ser linha, contendo-se. Sem freio, pode errar e frustrar a continuidade do movimento (e isso também é movimento). Sua linha é dança.

A linha de Guga Szabzon sobrevive de cada um de seus pontos e mudanças de rota em seu percurso. Pode ser percebida como um projeto que se abre ao encontro com a ausência, com a encruzilhada de outras tantas linhas, para adiante percebe-se em fragmentos que debandaram sem avisar. Sua linha não se repete e, em sua incerteza, caminha para acontecer com o tecido. Depois escapa e deixa tudo cheio.

UM PEQUENO CANTO DO MUNDO ONDE TUDO QUE É VIVO UM DIA PODE EMERGIR

Começar um trabalho é como destravar a língua para confessar um erro imperdoável. Cortar o tecido, colocar a máquina em movimento. Isso leva tempo: “todos os dias. (...) Mas tem dias que não dá”². A agulha perfura, faz os caminhos, enquanto o tecido vai sendo girado em seu eixo. E ainda tem o verso. Leva tempo para que tudo aconteça.

O ateliê de Guga Szabzon é um lugar de enfrentamentos: as paredes brancas chamam para a conversa, os tecidos cortados e seus fiapos estão sempre avançando, jogando-se, oferecendo-se, e o buraco no chão mole assombra quem pisa na sala da frente. O ateliê é o seu lugar para ir longe demais e sempre olhar para trás. Ali, uma tempestade de palavras, de histórias, de mapas, de incontáveis linhas escorrem e se grudam nos tecidos e vão sur-

gindo como visualidades fragmentadas. Guga parece operar por montagem, sobreposição, junção, escutando e atraindo muitas vozes que não a deixam repousar. Ainda assim, o ateliê é um canto de efervescência, mesmo diante de tanta dor.

O excesso de ordem se aplicado a esses retalhos de história que figuram nos trabalhos de Guga os submeteria a uma clareza insípida, embora tudo seja muito simples. Rio pode ser ou conter pedra. Pedra pode ser ou conter rio. A história do Galo de Fogo está nos esperando atrás da porta. Um leste inventado aponta um caminho entre “você” e “eu”. Enquanto um Planeta Saturno promete: “tá tudo bem”. Não é possível contar todas as linhas, todos os pontos, nem as palavras. Tem erro em tudo, ela garante. Guga continua seu trabalho de ateliê. Para ela, é preciso estar muito tempo ali, construindo ritmo mais do que qualquer outra coisa. É um ritmo de lugar e de corpo, de corte, de costura, de prego na parede, de monta, olha, troca de lugar. O que faz parecer que tudo está fresco, quente, sempre começando. Os números não conhecem esse ritmo, nem adianta contabilizar com os dedos.

ANTES QUE O DIA NOS SUFOQUE

Uma palavra pode romper o bem-estar. Pode atrapalhar o bom censo. Cabem na palavra, ao mesmo tempo, o horror do desconhecido que não se explica e a certeza do que parece natural, ordinário, que esteve por perto desde sempre. A glória e o lamento do ser humano, essa é a grande coisa de ser palavra, diria Giorgio Agamben. A presença da palavra nos trabalhos de Guga Szabzon são evasões da labuta da escrita, não foram feitas para ser texto, tampouco literatura. Perecem pertencer a um estágio anterior de forma (e não confundir isso com ingenuidade). São mais a pronúncia, a materialidade do impulso verbal, quando uma bomba explode na boca e o estrondo chega ao outro, numa interface que faz oscilar o tempo da escuta, o lugar de entendimento, o gesto de esculpir sua superfície de significados.

O ritmo e o fluxo das palavras nesses trabalhos acompanham a materialidade dos tecidos, convivem com linhas, com texturas, penetrando sem barreira as composições. Entre o desabafo, invenções de nexos da imaginação, reminiscências da memória e de acontecimentos biográficos, essas palavras embarlham a evidência de seus significados e das coisas a que poderiam se remeter para voltar a ser uma armadilha.

Tratam-se de uma espécie de registro de um corpo que vibra e que se desabriga para experienciar um maravilhoso perigo. E isso vai criando texturas no corpo que vão sendo cerzidas e transplantadas com a mesma intensidade de seu impactos primeiros. Guga costura a palavra para semear inquietude e fascínio, ou, quem sabe, para estar junto a um dilema.

DILEMA — GUGA SZABZON

Imagine você, um espaço vazio.
Imagine que um caminhão carregue suas coisas e coloque tudo ali no meio.
Tudo está embalado com plástico bolha.
Imagine você sozinha com todas as suas coisas embaladas.
Você fecha os olhos e pensa tudo que poderia fazer com essas coisas.
Você desembala e arrasta os móveis de lugar.
Você olha para a janela e vê onde bate mais sol, e se imagina desenhando em uma mesa branca com todos os seus lápis na sua frente.
Na sua direita tem outra janela que dá para a cozinha do vizinho que prepara pastéis para a feira, e você imagina que vai precisar colocar uma cortina ali.
Imagine onde é o melhor lugar para guardar os tecidos.
Longe do sol. Visível aos olhos.
Imagine todos esses tecidos arrumados por cor, e quantos trabalhos ainda não foram feitos.
Imagine tudo que poderia estar pendurado nas paredes.
Elas acabaram de ser pintadas, estão brancas, lisas.
Imagine que ninguém mais possa entrar neste espaço.
Que você possa ir todos os dias.
Que você possa fazer o que quiser lá dentro.
Ninguém está vendo.
Imagine arame, ilhós, tinta, livro, alicate, borracha.

Aí você vai para casa.
Dorme, sonha, anota.

Imagine voltar àquele espaço.
Sentar de frente para a janela, pegar os lápis, abrir o seu caderno sobre a mesa branca.
Escrever qualquer coisa sobre seu dia, anotar qualquer coisa que esteja sentindo, qualquer imagem que tenha visto no caminho.

Imagine agora, você olhando para sua estante de tecidos arrumada por cor.
Você escolhe um tecido.
Você escolhe uma palavra.
Imagine que você possa fazer alguma coisa com isso.
Que cada escolha é um ganho e muitas perdas ao mesmo tempo.
Imagine que aquilo agora é seu.

Imagine que no dia seguinte você chegue neste espaço e recomece tudo outra vez.
Imagine que não te venha nada na cabeça.
Você pega a vassoura, limpa os vidros, afia as tesouras.
Imagine que essa tesoura tenha ficado tão afiada que dê vontade de cortar alguma coisa.
Imagine você, com um papel azul na mão e uma tesoura afiada na outra.
Devagar você vai cortando e escolhendo um caminho a percorrer.

Imagine que esta tesoura é um barco.

Imagine quantos destinos diferentes poderiam ter sido feitos.
Quantos lugares deixei de conhecer.

Imagine agora, que em vez de usar a tesoura você se sente na frente de uma máquina de costura.
Você escolhe uma cor de linha.
Você puxa a bobina por uma pequena roldana que desce, passa por um burquinho, desce de novo e passa pela agulha.
Imagine esta linha se prendendo sozinha em uma base felpuda e quente.
Imagine caminhar sobre as fronteiras de um mapa.
Imagine navegar.
Se imagine no universo.

Imagine o seguinte:
Você segue em frente
Cai em um buraco
Levanta
Uma bifurcação
Você escolhe a esquerda, volta e aquele caminho não existe mais.
Imagine que algo exploda bem na sua frente, você vai em outra direção, um lugar mais calmo, mais leve.
Imagine ficar parada.

Imagine que este lugar não é mais um lugar, é um símbolo.

Eu ainda não pendurei uma cortina na janela da direita. Vejo os pastéis serem feitos todos os dias, tenho fome.

1



O Começo de Uma
Coisa Maior

2017
Costura sobre feltro
56 × 51,5 cm

2



O Começo de Uma
Coisa Maior

2018
Costura sobre feltro
27,5 × 25 cm

3



O Começo de Uma
Coisa Maior

2018
Costura sobre feltro
24 × 23 cm

6



O Começo de Uma
Coisa Maior

2017
Costura sobre feltro
52,5 × 55,5 cm

4



O Começo de Uma
Coisa Maior

2018
Costura sobre feltro
40 × 28,5 cm

5



O Começo de Uma
Coisa Maior

2017
Costura sobre feltro
30 × 22,5 cm

7



8



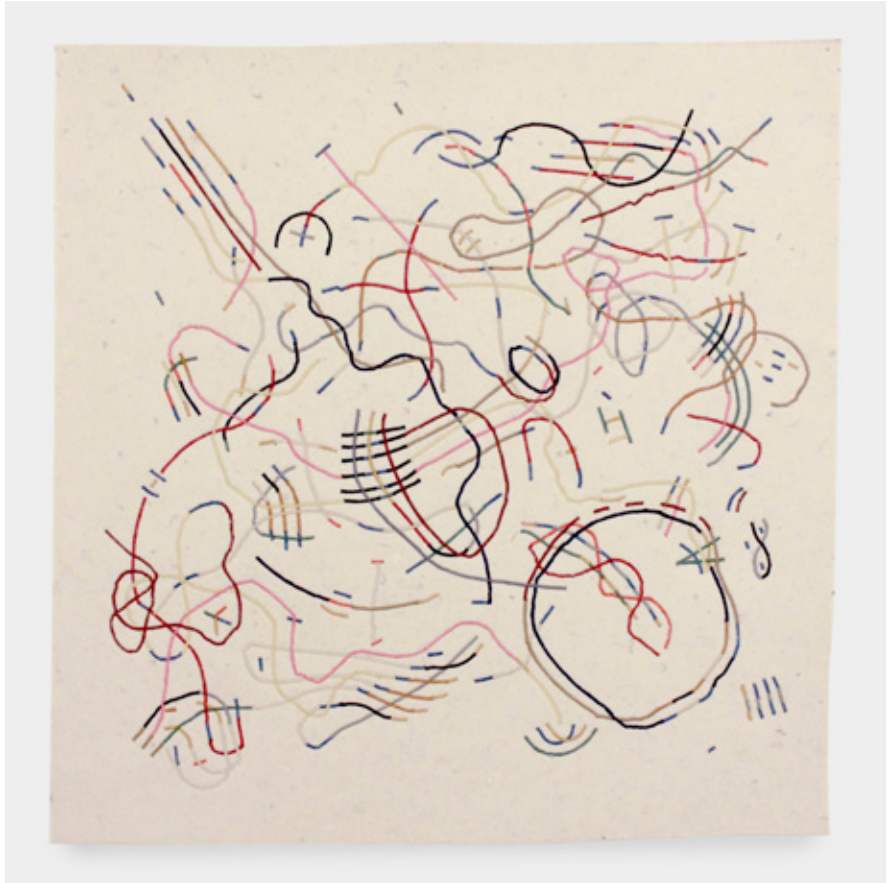
O Começo de Uma
Coisa Maior

2018
Costura sobre feltro
54,5 × 39,5 cm

O Começo de Uma
Coisa Maior

2017
Costura sobre feltro
27,5 × 21 cm

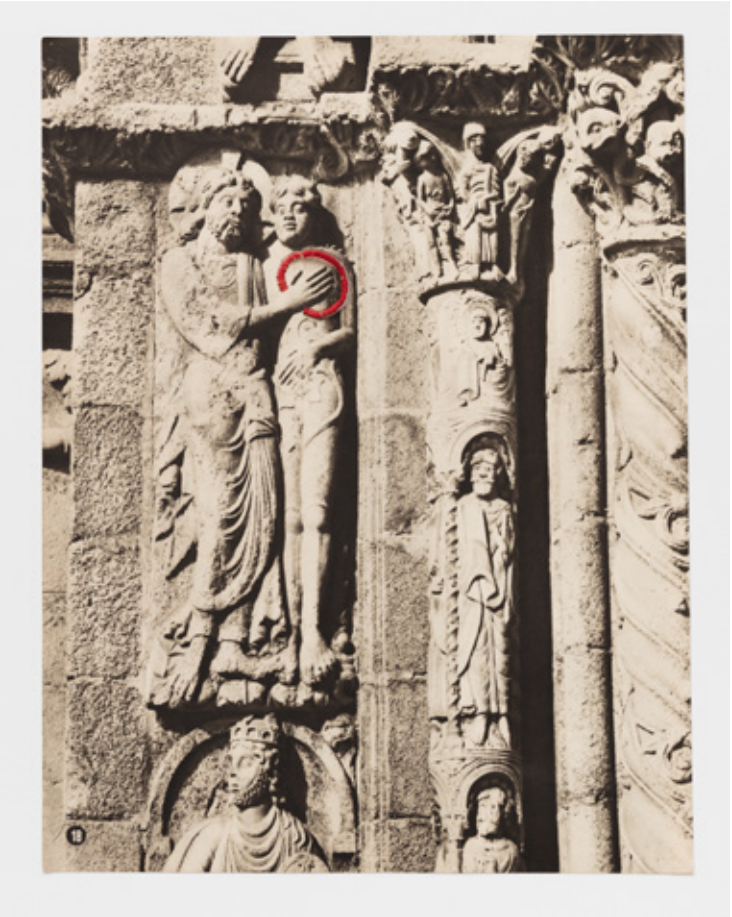
9



O Começo de Uma
Coisa Maior

2018
Costura sobre feltro
53,5 × 52,5 cm

10



Calma

2016
Costura sobre papel
30 × 23 cm

11



12



Quase Me Disfarço

2016
Costura sobre papel
30 × 23,5 cm

Deixa Eu Te Falar

2016
Costura sobre papel
30 × 23,3 cm

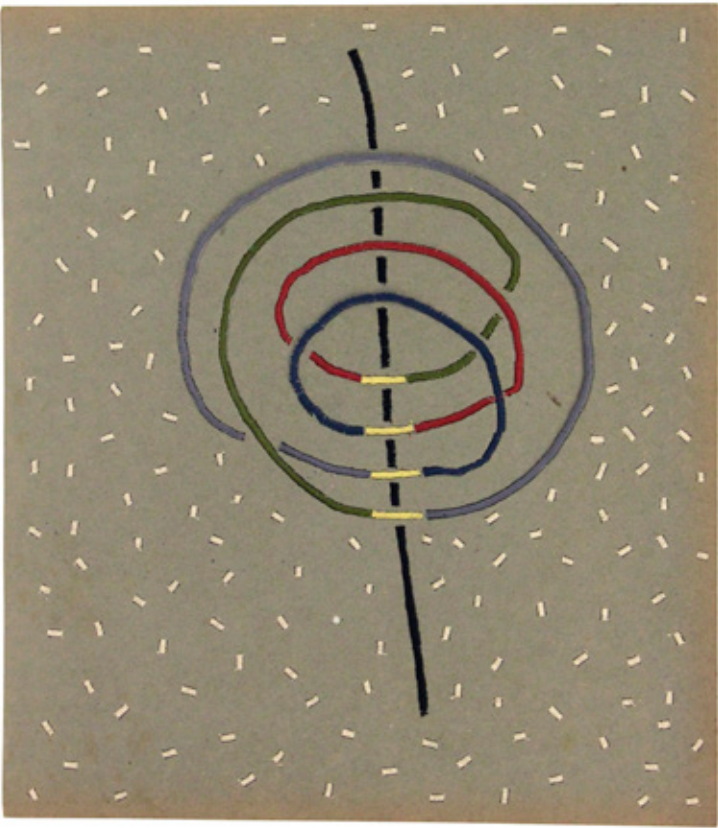
13



Desalinho

2019
Costura sobre papel
Díptico
25 × 19 cm cada

14



Desalinho

2019
Costura sobre papel
29,2 × 25,5 cm

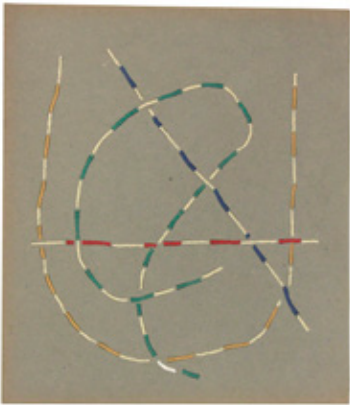
19



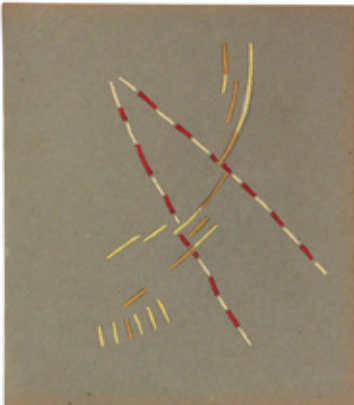
Desvio

2019
Costura sobre tecido
160 × 175 cm

15



16



Desalinho

2019
Costura sobre papel
29,2 × 25,5 cm

Desalinho

2019
Costura sobre papel
29,2 × 25,5 cm

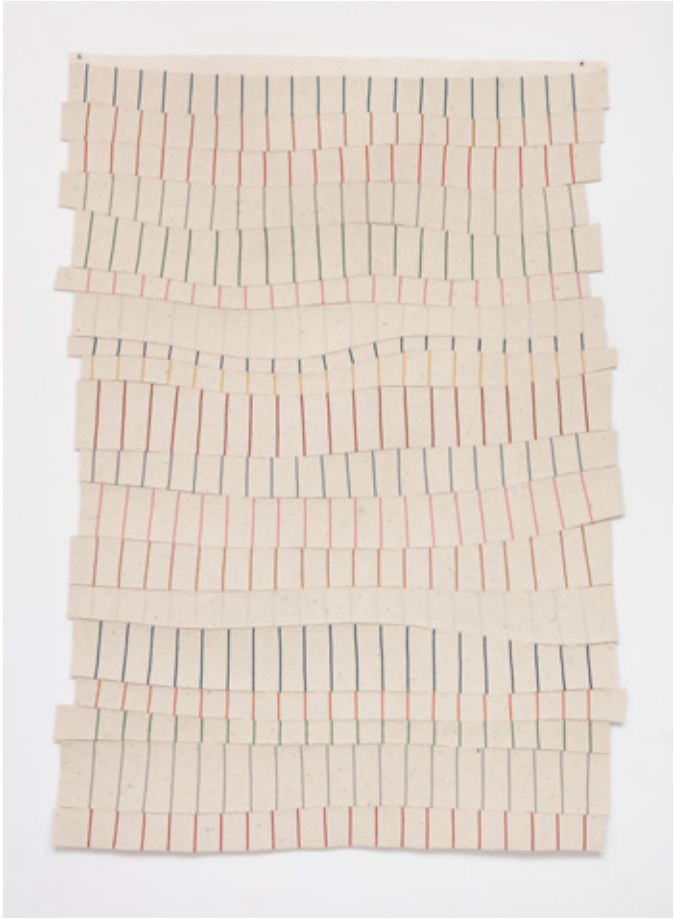
20



Norte, Sul, Leste,
Oeste

2018
Costura sobre tecido
147 × 116 cm

21



Pauta

2018
Costura sobre feltro
150 × 105 cm

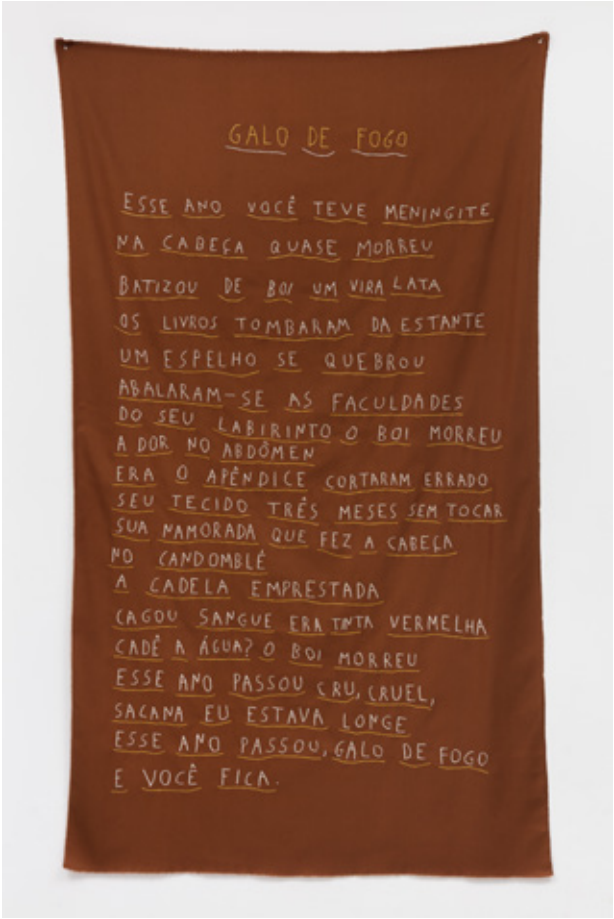
22



É Favorável

2018
Costura sobre tecido
74 × 76 cm

23



Poema de Sofia
Mariutti para Mim,
Dezembro de 2017

2019
Costura sobre tecido
187 × 107 cm

24



Escuta Aqui

2019
Costura sobre tecido
80 × 83 cm

25



Cabeça e Coração

2019
Costura sobre tecido
145 × 107 cm

27



Eu, Você

2019
Costura sobre tecido
147 × 86,5 cm

26



Nós

2019
Costura sobre tecido
145 × 134 cm

28



Norte

2019
Costura sobre tecido
81 × 70 cm



Galeria Superfície
Rua Oscar Freire, 240
01426-000
São Paulo
SP

info@
galeriasuperficie.
com.br

www.
galeriasuperficie.
com.br

REALIZAÇÃO
Galeria Superfície

DIREÇÃO
Gustavo Nóbrega

CURADORIA/TEXTO
Galciani Neves

PRODUÇÃO
Luiz Pataro
Maria Júlia Braz

IMAGENS
Gui Gomes
Galeria Superfície

PROJETO GRÁFICO
Margem

Publicação em
ocasião da exposição *O
Começo de Uma Coisa
Maior — e de Um Dilema* de
6 Junho a 18 Julho de 2019

© Galeria Superfície.
Todos os direitos
reservados.

GALERIA SUPERFÍCIE